

O Mundo do Trabalho Metaforizado pelo Feminino: Contribuições da Linguística Cognitiva para Pesquisas Qualitativas nos Estudos Organizacionais

CORALINE HOLANDA LIMA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

ISABELLA SOUZA COSTA CAVALCANTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

MIKHAELA BEATRIZ PRADO DE ARAÚJO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

ANA CRISTINA BATISTA DOS SANTOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

Agradecimento à órgão de fomento:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

O Mundo do Trabalho Metaforizado pelo Feminino: Contribuições da Linguística Cognitiva para Pesquisas Qualitativas nos Estudos Organizacionais

Introdução

Este texto socializa parte dos resultados de um macro estudo qualitativo interdisciplinar, que associa estudos organizacionais e linguística cognitiva ao estudar metáforas emergentes sobre o mundo do trabalho contemporâneo. Em tempos de um pertinente crescimento da análise do imagético não-verbal nos estudos organizacionais (Cavedon, 2012; Sousa & Saraiva, 2022), este estudo considera que, igualmente, ainda há muito conteúdo imagético a ser explorado no escrito e no verbal, quando do estudo do multifacetado mundo do trabalho contemporâneo, especialmente porque a linguagem está imersa na cultura e em suas ideologias historicamente situadas, bem como a experiência de trabalho tem relação direta com o mundo, o outro e nós mesmos (Dejours et al, 2018). Neste sentido, este trabalho elege uma “voz” sobre a qual muito se fala, na contemporaneidade, mas que ainda demanda escuta interessada em suas particularidades: o discurso de mulheres trabalhadoras sobre suas vivências laborais.

A pesquisa teve como objeto de estudo as representações femininas sobre o mundo do trabalho contemporâneo, tomando representações em seu sentido dicionarizado e filosófico como “operação pela qual a mente tem presente em si mesma a imagem, a ideia ou o conceito que correspondem a um objeto que se encontra fora da consciência” (Houaiss, 2001; Japiassu & Marcondes, 2008). O objeto foi problematizado a partir da seguinte questão de pesquisa: Quais representações sobre o mundo do trabalho contemporâneo ocupam o imagético do discurso feminino? Ou, dito de outra maneira: Quais as metáforas sobre o mundo do trabalho contemporâneo presentes no discurso de mulheres trabalhadoras? O objetivo desta fase da pesquisa foi compreender as representações sobre o mundo do trabalho contemporâneo presentes nas metáforas utilizadas no discurso de mulheres trabalhadoras.

Após esta introdução, a segunda seção discorre sobre as metáforas na perspectiva da linguística cognitiva e seu aporte nos estudos organizacionais. A terceira parte apresenta o desenho metodológico da pesquisa empírica, seguida dos resultados, na quarta seção, e da conclusão, na quinta e última parte do trabalho. As referências são apresentadas ao final.

2 As metáforas: da linguística cognitiva ao discurso organizacional

As metáforas são imagens mentais socializadas via discurso, sobre objetos inscritos nas vivências dos sujeitos no mundo. Toma-se aqui a metáfora não em seu sentido tradicional, isto é, como adorno linguístico, mas, diferentemente, assume-se a concepção da linguística cognitiva de que as metáforas guardam relação com o pensar e o agir humanos no mundo, como uma espécie de imagética necessária ao discurso, mesmo que não de todo consciente para o sujeito falante (Lakoff & Johnson, 2003), quando ele, ao fazer uma projeção metafórica, estende um domínio do conhecimento para outro (Silva, 2012). Como conceituam Lima, Gibbs Jr e França (2001, p. 108), metáfora é uma:

operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos, para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta.

O estudo sistemático da metáfora na linguística moderna começou a ganhar destaque a partir do final dos anos 1970, com o trabalho de George Lakoff e Mark Johnson, intitulado “*Metaphors We Live*”. Nessa época, ocorreu a virada histórica da

Linguística Cognitiva, caracterizada pela adoção de uma abordagem mais empírica, focada na relação entre a linguagem e a cognição, e pelo reconhecimento de que a linguagem é um fenômeno complexo, que reflete a experiência e a cultura humanas (Koch, 2004; Miranda, 2001; Vargas, 2020). Nesse processo, a metáfora deixou de ser considerada apenas um artifício literário e passou a ser fundamental no sistema conceptual humano, tendo como base as experiências e a corporalidade (Lakoff & Johnson, 1980; Ferrão, 2008; Silva, 2012). Como afirma Ferrão (2008, p. 4), “a metáfora pertence previamente ao domínio do pensamento, e só depois à linguagem, revelando-se um mecanismo importante na compreensão e explicação da cognição humana”.

As metáforas conceptuais são expressões presentes em qualquer discurso, devendo aquele que as estuda mapear o domínio fonte da expressão metafórica utilizada pelos falantes e o domínio alvo ao qual se referem, para identificar as metáforas conceptuais. Na teoria seminal de Lakoff e Johnson ([1980] 2003), as metáforas conceptuais são de três tipos: metáforas estruturais, metáforas orientacionais, metáforas ontológicas. Nas estruturais, agrupam-se os casos em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. As orientacionais reúnem os esquemas imagéticos norteados pela orientação espacial. As metáforas ontológicas, por sua vez, guardam relação de sentido com entidades e substâncias.

As metáforas têm sido objeto de interesse no campo dos estudos organizacionais, sob diversas perspectivas, com diferentes objetivos, e há certo tempo. Antes mesmo do afamado *Images of Organization* (Morgan, 2006) despontar como *best seller* no campo, Guerreiro-Ramos (1981), numa perspectiva reflexiva, já alertava para o uso indiscriminado e acrítico da linguagem metafórica, na literatura organizacional e administrativa *mainstream*. Segundo o sociólogo organizacional brasileiro, importava analisar se não se estaria incorrendo, com o uso abundante de analogias e metáforas, numa possível transferência inadequada de conceitos, quando de um uso prescritivo, universalista e não reflexivo na literatura da área, compreensão esta exemplificada por Figueiredo e Marquesan (2012), ao desvelarem o uso gerencialista inadequado da metáfora “artesanato” para falar do trabalho contemporâneo.

Desde estudos seminais sobre cultura organizacional (Smircich, 1983), pesquisas monográficas sobre os conceitos de organizações, administração e administrador (Albantes-Moreira, 1993, 2002; Batista-dos-Santos, 2013), a artigos recentes sobre liderança feminina (Carli & Eagly, 2016) e trajetória de executivas (Souza, Porto & Silva, 2023), as metáforas continuam despertando interesse no campo dos estudos organizacionais, inclusive no Brasil, como bem exemplifica a quantidade de vinte e três trabalhos apresentados nos encontros anuais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), na janela temporal de 2000 a 2021, tendo as metáforas como temática.

3 Desenho da pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como integralmente qualitativa, porquanto utilizou técnicas qualitativas nas fases de coleta e de análise dos dados (Deslauriers & Kérisit, 2008). A decisão pela abordagem qualitativa deu-se no cenário natural do diálogo intersubjetivo entre mulheres pesquisadoras que queriam escutar, para compreender (Bourdieu, 2007), as narrativas de outras mulheres a respeito de suas representações sobre o mundo do trabalho. Decidiu-se prestar uma escuta ativa e interessada às mulheres nesse contexto ou condição de existência – ser mulher e ser trabalhadora -, sob o pressuposto da relação indissociável entre pensamento, linguagem e ação (Habermas, 1968; Lakoff & Johnson, 1980).

O processo de amostragem qualitativa (Pires, 2008) foi iniciado através de contatos acessíveis nas redes de relações das quatro pesquisadoras e foi se consolidando por meio da técnica “bola de neve” (*snowball*) (Naderifar, Goli, & Ghaljaie, 2017), seguindo os critérios de inclusão de ser mulher e ser trabalhadora e buscando-se aplicar o critério de diversificação (Pires, 2008) quanto a idade, estado civil, formação e vínculo laboral. A amostra final foi de 12 mulheres, conforme dados de caracterização sintetizados no Quadro 1. A coleta foi encerrada atendendo-se ao critério de saturação empírica (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008; Pires, 2008).

As entrevistas ocorreram virtualmente, através da plataforma *Zoom Meetings*, após o consentimento formal por escrito das entrevistadas, o que facilitou o acesso a dados relevantes de suas experiências de vida. A coleta, que ocorreu ao longo de sete meses de pesquisa de campo, foi feita por meio de entrevistas orientadas por roteiro semiestruturado que estimulava as entrevistadas a falarem sobre suas vivências de trabalho, pressupondo-se a experiência de trabalho como síntese das relações intrassubjetivas, intersubjetivas e sociais (Dejours et al, 2018). As entrevistas foram gravadas e ocorreram sem determinação prévia de limite de tempo mínimo ou máximo de duração, conforme a disposição de cada entrevistada, em diversos horários, incluindo os finais de semana, como uma forma de respeitar o melhor momento para essas mulheres trabalhadoras falarem livremente.

Todas as entrevistas foram gravadas e totalizaram 8 horas, 52 minutos e 12 segundos. As transcrições foram realizadas na íntegra, com total de 127 páginas, que auxiliaram nas escolhas dos trechos para a pré-análise e o recorte do material coletado, a fim de organizar o *corpus* textual. A decisão quanto à análise dos dados foi tomada de maneira alinhada às motivações inerentes à concepção da pesquisa, ancorada nas inquietações e vontade de ouvir essas mulheres sobre suas representações sobre o mundo do trabalho a partir de suas trajetórias de vida particulares, com fatos e vivências advindos do cotidiano laboral, o que trouxe riqueza de detalhes para esta pesquisa.

Quadro 1 – Dados de caracterização das entrevistadas

Nome fictício	Idade	Estado civil	Escolaridade	Vínculo laboral
Ana	28 anos	Casada	Superior Completo	Pessoa jurídica
Léa	30 anos	Casada	Especialista	Funcionária pública e Empreendedora
Jade	35 anos	Solteira	Especialista	Funcionária pública e Diretora de uma Associação
Ellen	42 anos	Casada	Superior Completo	Funcionária pública
Luzia	32 anos	Solteira	Superior Completo	Funcionária pública
Kelly	28 anos	Casada	Superior Incompleto	Funcionária pública
Lídia	44 anos	Casada	Técnico Completo	CLT
Maria	30 anos	Casada	Especialista	CLT e Empreendedora
Laura	33 anos	União Estável	Superior Incompleto	CLT
Cláudia	25 anos	Divorciada	Superior Completo	Funcionária pública
Júlia	30 anos	Casada	Superior Completo	Funcionária pública
Clara	38 anos	Casada	Superior Completo	Funcionária pública e Empreendedora

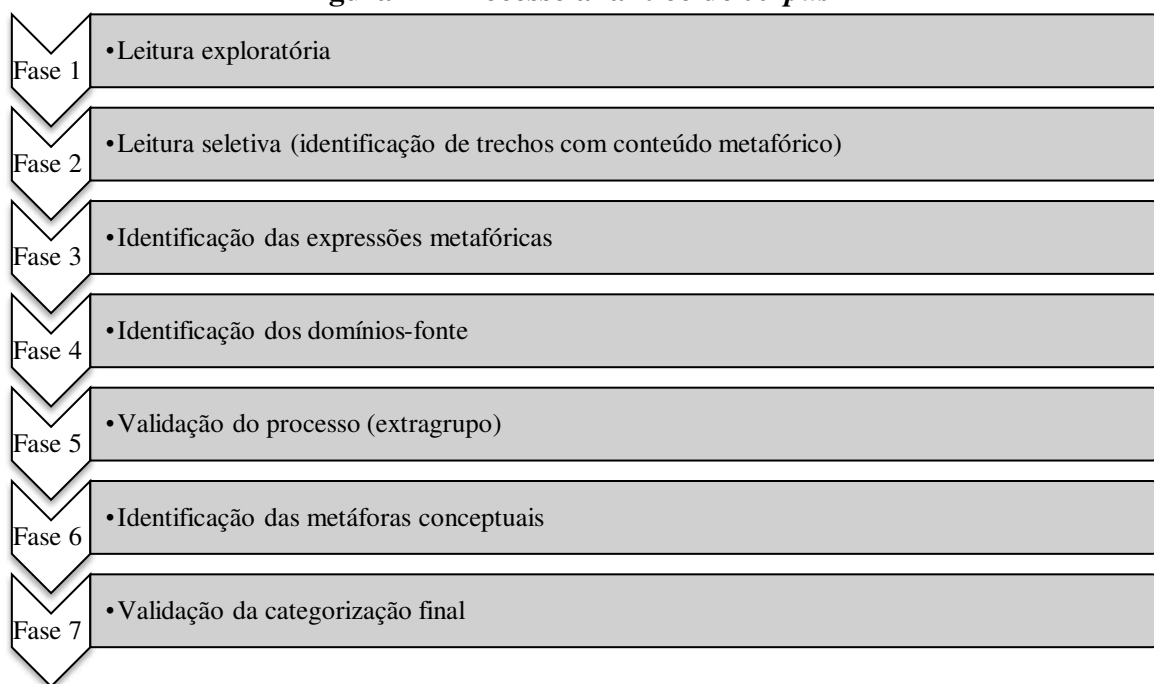
Fonte: dados da pesquisa (2023)

Em termos analíticos, empreendeu-se um processo indutivo e exploratório para análise das metáforas presentes nas falas, face à riqueza do material discursivo e ao pressuposto da relação intrínseca entre pensamento-linguagem-ação. O processo

analítico de categorização dos dados ocorreu em sete fases, conforme apresentado na figura 1. Todas as fases foram vivenciadas com alternância entre trabalho individual e reuniões grupais para debate e validação da fase de categorização entre as pesquisadoras. Após uma primeira rodada das fases 3 e 4, a categorização foi enviada para validação extra-grupo junto a um pesquisador do campo da linguística cognitiva, vinculado ao programa de pós-graduação com doutoramento em letras e linguística.

Na seção quatro, são apresentadas e analisadas as expressões metafóricas categorizadas das 12 entrevistas, que resultaram na identificação de três domínios-fonte: física, biologia e antropologia; ainda, faz-se uma discussão da narrativa totalizante sobre as metáforas conceptuais relacionadas às três categorias emergentes no discurso das mulheres sobre o mundo do trabalho: i) organizações; ii) relações; e iii) trabalho.

Figura 1 – Processo analítico do *corpus*

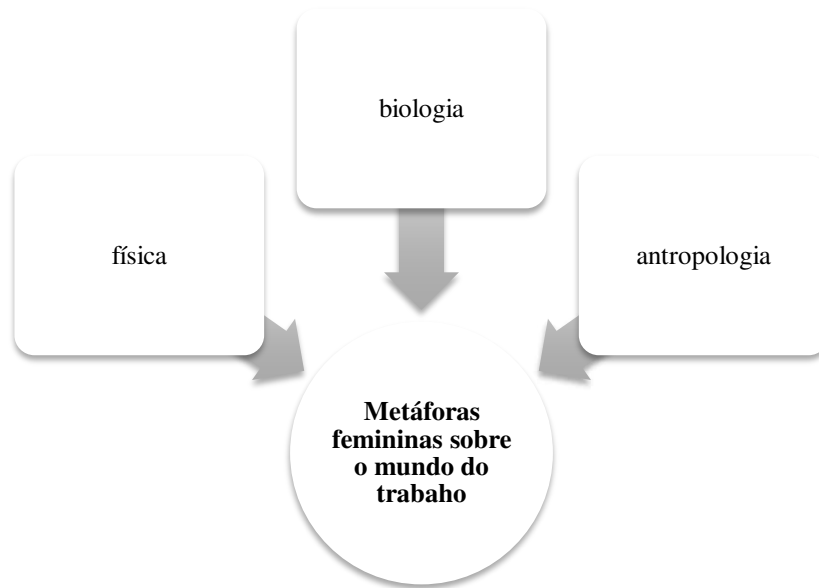


Fonte: elaboração própria (2023)

4 Resultados

Esta seção socializa e analisa os resultados da pesquisa de campo empreendida junto às mulheres trabalhadoras caracterizadas na metodologia. A figura 2 apresenta os domínios-fonte que emergiram na narrativa totalizante das doze entrevistadas, quando das suas referências discursivas ao domínio-alvo mundo do trabalho.

Figura 2 – Domínios-fonte sobre o mundo do trabalho no discurso feminino



Fonte: elaboração própria, dados da pesquisa (2023)

4.1 Representações femininas sobre o mundo do trabalho: análise das expressões metafóricas

No contexto geral das falas, “física” (F) foi o domínio-fonte predominante nas expressões metafóricas sobre o mundo do trabalho (Quadro 2), tendo sido evocado por todas as entrevistadas. Foram localizadas 112 expressões metafóricas que têm origem nesse domínio. Os núcleos de sentido das expressões metafóricas são apresentados em negrito, nos quadros a seguir. A frequência de evocação de cada domínio-fonte também é informada. Duas falas representativas (FR) completas são socializadas, ao final dos quadros, para cada domínio-fonte, sendo as mesmas de dois tipos: as de valoração positiva sobre o trabalho (FR⁺) e as de valoração negativa (FR⁻).

Quadro 2 – Representações sobre o mundo do trabalho - Domínio-fonte: física

Domínio-fonte	Frequência	Exemplos de expressões metafóricas (por entrevistadas)
Física	112	F1. Entrar na empresa (Ana) F2. Estar à frente da equipe; gestores que estão acima (Lea) F3. Abri portas pra outras pessoas ficarem no meu lugar (Laura) F4. Deixar tudo lá (Júlia) F5. Fui afastada do trabalho (Cláudia) F6. Afastei de muita coisa. Senti queda financeira grande (Clara) F7. Meus trabalhos ficaram todos parados (Maria) F8. Ficar correndo atrás de metas (Luzia) F9. Uma rotina assim, bem agitada (Kelly) F10. Trabalho puxado (Lea) F11. Sobrecarregar um pouco (Ellen) F12. Pedi pra sair . O chefe não deixava sair , me segurando (Lídia) F13. Tomar posse. Estabilidade financeira, emocional (Jade) F14. Quando você é muito acelerada [...] a sua rotina é completamente mudada por conta das suas limitações físicas (Arlete) F15. Com a gravidez né, por conta que eu tive que desacelerar (Arlete). F16. Querendo ou não, quando a gente, com gestão de pessoas, a gente acaba tendo cargas de estresses , de dissabores (Arlete)

		F17. Quando eu saio do portão eu procuro deixar tudo lá , porque antes eu ficava, mesmo estando fora no feriado sábado e domingo eu continuava resolvendo as coisas pelo telefone (Arlete) F18. A gente tem que pesar! Se você equilibrar dá certo! É puxado, mas dá certo! (Clara)
Fala representativa (FR⁺): Tá sendo bem tranquilo, porque eu tô voltando para uma função que eu já exerci. Então, é mais questão de pegar o ritmo do que está acontecendo e do que aconteceu nos últimos meses só pra eu ficar a par da situação. (Lea)		
Fala representativa (FR⁻): Eu saí por conta de metas, eu não tava tão bem pra ficar correndo atrás de metas , digamos assim. (Luzia) Fonte: dados da pesquisa (2022)		

O discurso metafórico das entrevistadas sobre o mundo do trabalho contemporâneo, quando evocam a “física” ou o “mundo físico” como domínio-fonte, envolve noções de movimento, espaço, peso, deslocamento, força, dentre outras. Percebe-se que as entrevistadas metaforizam fisicamente as empresas em que trabalham, referindo-se às mesmas como uma espécie de continente físico ao qual adentram, se movimentam e se localizam como trabalhadoras (F1). Assim, concebem a situação laboral, algo abstrato, da mesma maneira como um corpo se movimenta ou se desloca concretamente num determinado espaço físico.

Semelhantemente, elaboram discursivamente a estrutura formal de cargos com sinalizações sempre para frente e para cima quando se referem às figuras de comando (F2). Há percepções como a de Laura, que concebe seu período de licença maternidade como um “abrir de portas” para concorrência na ocupação do seu “lugar” (F3), metaforizando assim suas atividades de trabalho/cargo como um espaço fisicamente ocupado, e o afastamento como um tipo de movimento corpóreo de abertura para acesso de outros a esse espaço, numa espécie de amálgama mental trabalho-trabalhador. A ideia física de lugar/espaço é também evocada por Júlia, quando narra sobre sua decisão de trabalhar apenas no horário formal e no endereço físico da escola, tratando o seu fazer como “coisas” que deveriam ser deixadas no ambiente da escola (F4).

Cláudia, por sua vez, utiliza uma expressão metafórica bastante recorrente no mundo do trabalho, a qual tem inscrição na física, que é a do afastamento (F5), pela qual se concebe tal situação como uma espécie de distanciamento físico do trabalho. Isso é o mesmo que parece ocorrer com Clara, a qual, além do afastamento, traz também uma expressão relacionada ao movimento de algo ou alguém cair para falar de sua situação financeira (F6). Há também aquelas que elaboram como um trabalho parado (F7), atribuindo imageticamente a noção física de movimento e deslocamento ao trabalho.

Ao falarem sobre os desafios do mundo do trabalho, são bastante expressivas as noções de movimento, aceleração e peso evocadas no discurso. Luzia, por exemplo, concebe as metas do trabalho como algo que a faz sempre correr atrás; seria, portanto, como uma “coisa” que está sempre distante e à frente, e que não será alcançada se não for com o esforço físico da corrida (F8). A ideia de movimento também é evocada por Kelly que concebe o cotidiano laboral pela lógica da agitação constante (F9). Lea acrescenta a lógica de uma dinâmica de forças ao utilizar o adjetivo “puxado” ao substantivo trabalho (F10) e Ellen recorre à ideia física de peso para elaborar discursivamente como se sente em alguns momentos no trabalho (F11). É nesse contexto temático de peso, agitação e, especialmente, muito movimento, que se tem a fala representativa negativa (FR⁻) de Luzia. A entrevistada relacionou sua saída do trabalho ao contexto acelerado por conta de metas, o qual foi decisivo para ela que não estava num momento emocionalmente compatível com tal dinâmica laboral.

A noção de física também é refletida no discurso de Arlete, que traz a ideia de velocidade, pois ela relata ter um comportamento “acelerado” no seu cotidiano e, conseqüentemente, no trabalho. Com a chegada da maternidade, ela precisou adequar o seu comportamento às limitações físicas do momento, então ela fez o movimento de “desacelerar” (F15). A sobrecarga de tarefas e a exaustão é algo recorrente na narrativa de Arlete, ela é a líder da sua equipe de trabalho e, novamente, ao falar da responsabilidade de lidar com a gestão de pessoas, usa uma expressão física quando diz que nessa área tem “cargas de estresses” (F16). Por isso, a entrevistada conta que quando acaba o seu expediente procura “deixar tudo lá” (F17), se referindo às demandas que antes da sua mudança de comportamento costumava resolver fora do seu horário de trabalho.

A dinâmica de forças é novamente evocada com Lídia, que, em seu relato metafórico, afirma ter sido segurada ao tentar sair da organização em que trabalhava (F12). O “sair” de Lídia, por sua vez, converge com o “entrar” de Ana e também com o “voltar”, na fala representativa positiva (FR⁺) de Lea, donde se depreende a ideia das organizações como conceito imagetivamente pensado como um espaço no qual se entra, se está, se ocupa, se desloca, se volta e também do qual se sai (F1, F12). Para Lea (FR⁺), ao voltar, bastaria entrar novamente em movimento, pegando o ritmo. Finalmente, quanto ao domínio-fonte física, a fala de Jade evoca a noção de equilíbrio para elaborar dimensões díspares da vida como trabalhadora tais como as finanças e as emoções, equilíbrio que ela correlaciona ao seu status de servidora, após posse em cargo público (F13). Já Clara traz o verbo “pesar” para então “equilibrar” a rotina de trabalho com a maternidade de acordo com as prioridades, visto que ela tem mais de uma ocupação laboral (F18).

O segundo domínio-fonte mais presente nas representações sobre o mundo do trabalho das entrevistadas também é do âmbito das ciências da natureza: a biologia, conforme Quadro 3. O mesmo emergiu em nove das doze entrevistadas.

Quadro 3 – Representações sobre o mundo do trabalho - Domínio-fonte: biologia

Domínio-fonte	Frequência	Exemplos de expressões metafóricas (por entrevistadas)
Biologia	22	B1. Corpo de colaboradores (Ana) B2. A gente (a empresa/a equipe) foi crescendo (Ana) B3. Postura de onde eu trabalho (Léa) B4. Ver se minha carreira vai andar (Luzia) B5. Foi meu sonho, foi meu suor (Maria) B6. Ele tinha que reconhecer a minha voz como voz de comando (Jade) B7. Numa fase de largar o convênio /Eu tenho que abrir mão de alguma coisa (Ellen) B8. Se você não trabalhar é pior, é muita coisa na cabeça de uma pessoa (Kelly) B9. Nas minhas férias eu fico doidinha, a minha cabeça fica lá no trabalho (Lídia) B10. Fui dando uma amenizada, porque eu coloquei na minha cabeça que eu tenho um filho pra eu criar (Clara) B11. O que é que tá se passando na cabeça dessa professora (Jade) B12. Nenhuma empresa de fato quer pegar uma pessoa que já tá ali grávida (Jade) B13. Assim que eu pisava meus pés no meu trabalho (Jade) B14. O povo souber que estou grávida de novo, vão me matar (Júlia) B15. O que matava mais era o emocional (Laura) B16. Ele dava sua patada . [...] Com mulher ele humilhava mesmo (Laura)

		B17. A Laura, Laura como postura mudou, deu uma volta assim tipo trezentos e sessenta (Laura) B18. Eu realmente enxerguei que eu tinha que diminuir alguma coisa no trabalho (Clara)
Fala representativa (FR⁺): Porque eu penso que sou uma pessoa bem mais forte, sabe?! Que eu nunca imaginei que conseguiria passar por tanta coisa e ainda sobreviver (risos). (Kelly)		
Fala representativa (FR⁻): O que matava mais era o emocional , então, é, de, de cobrança em cima de cobrança, você via que você fazia mais do que todas as pessoas que estavam lá quando a empresa contava, mas mesmo assim, era carão em cima de carão e na frente de todo mundo , ou seja, era constrangimento em cima de constrangimento , direto. (Laura)		

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Neste domínio, as referências ao mundo do trabalho guardam uma forte relação com os locais e as instituições em que as entrevistadas trabalham, as quais são metaforizadas como uma espécie de organismo biológico vivo, cuja composição da força de trabalho é concebida a partir da lógica corporal. As expressões metafóricas que mais se destacaram nas falas deste domínio-fonte foram as relacionadas ao crescimento das empresas-organismo e de suas partes, cuja composição da força de trabalho é concebida a partir da lógica corporal (B1), que, portanto, pressupõe postura dessa empresa (B3) e também da trabalhadora (B17), tal como os corpos podem ter.

Ana, na sua linguagem metafórica do ambiente de trabalho, utilizou a expressão “corpo”, referindo-se aos colaboradores (B1) e o crescimento (B2) exponencial que a empresa obteve, desde o início da sua contratação. A implicação corporal também esteve presente na fala de Léa, ao explicar que antes de sair de licença maternidade, os colaboradores da empresa tiveram uma “postura” de acolhimento para com ela (B3).

O movimento corpóreo de deslocamento emergiu na ideia de Luzia de que sua carreira profissional precisava andar (B4), no sentido de sair da estabilidade e direcionar-se ativamente no caminho certo. Em uma fala bastante expressiva sobre os desafios do mundo do trabalho, Maria atribui metaforicamente a expressão “foi meu suor” (B5) ao esforço despendido em face da realização profissional, tal como um corpo que transpira e cansa quando em constante e intensa atividade. Jade, por sua vez, atribui à capacidade comunicativa da voz a noção de autoridade nas relações laborais (B6). Ainda, as experiências nas falas dessas mulheres-trabalhadoras descrevem metaforicamente uma relação tátil com o trabalho, como “abrir mão” (B7) e “pisava meus pés” (B13), quando falavam das renúncias e desafios diários que tinham que enfrentar devido às sobrecargas nas vivências laborais.

Nesse cenário de cansaço intenso, a fala representativa negativa (FR⁻) de Laura relata o excesso de cobranças abusivas e as pressões que promovem sobrecargas físicas, emocionais e mentais no ambiente de trabalho. Laura explicou que se sente esgotada emocionalmente e que o volume de atividades gera uma situação de ininterruptas ameaças dentro do ambiente de trabalho. Essa situação exemplifica o constante assédio moral sofrido por Laura e as pressões psicológicas impostas, corroborando sentimentos de um provável sofrimento patogênico que ela metaforiza com a ideia de ausência total de vida (B15), que pode guardar forte relação com a violência sexista que sofre no trabalho (B16). Diferentemente, na fala representativa positiva (FR⁺), Kelly destaca o quanto os desafios do trabalho associados à vida pessoal a tornaram uma pessoa mais forte garantindo metaforicamente a sua sobrevivência.

As expressões metafóricas baseadas nas falas das entrevistadas trazem a representação de outra parte do corpo, as suas “cabeças”. As ideias ligadas a “cabeça” emergiram nas falas de Kelly (B8) e Clara (B10), nas expressões “muita coisa na

cabeça” e “coloquei na minha cabeça”, evocando a ideia da cabeça como espaço (contêiner). Lídia, ao falar de suas férias, relata que não consegue se desprender das atividades laborais, metaforizando tal dificuldade como uma “cabeça” que fica no trabalho (B9), desvelando uma trabalhadora fragmentada em seu tempo livre. Jade, ao falar sobre o trabalho, traz a expressão “passando na cabeça”, designando emotividade e dedicação com os alunos que possuem necessidades especiais (B11).

As mudanças concernentes ao trabalho demandam um esforço, principalmente quando as mulheres procuram ser contratadas ao estarem grávidas. Além das incertezas, do medo e da solidão, Jade e Júlia evidenciam nas falas os desafios que enfrentaram ao descobrir a gravidez. Jade como que descreve o descarte do corpo da trabalhadora grávida (B12) e Júlia é discursivamente mais drástica ao trazer o sentido metafórico de se tirar a vida daquela que gerou vida (B14), exemplificando assim o desafio da conciliação dos seus papéis de mães-trabalhadoras. Assim, algumas delas, como Clara, metaforizam biologicamente através do órgão da visão a necessidade de diminuição da dinâmica laboral, em face das pressões e do desgaste (B18).

Finalmente, o terceiro domínio-fonte emergente no corpus foi a “antropologia”. No contexto geral das falas, ele foi o domínio-fonte menos frequente, sendo evocado por oito das doze entrevistadas, conforme exposto no Quadro 4.

Quadro 4 – Representações sobre mundo do trabalho - Domínio-fonte: antropologia

Domínio-fonte	Frequência	Expressões metafóricas
Antropologia	19	(A1) A fábrica fala [...] (Ana) (A2) O que a empresa vai pensar (Ana) (A3) Eu vim pra cá pra vivenciar o meu sonho como servidora pública efetiva, na profissão que eu busquei (Luzia) (A4) Ambiente amigável (Ana) (A5) Sempre foi muito tranquila a comunicação . (Cláudia) (A6) O homem ficou feito um louco , por quê? Por que eu não consegui sair de lá, porque eu tava internada e queria que eu pagasse ele (Maria) (A7) Tem gente que não tem coração (Maria) (A8) Nesse período agora assim da segunda gestação as pessoas ficam: “que loucura meu Deus e agora como vai ser?” (Julia) (A9) A pessoa estava rezando direto pra ‘mim’ voltar (<i>sic</i>) (Julia) (A10) Eu sempre pensei assim, eu respeitei o meu tempo , né?! Eu esperava que os pacientes também entendessem isso. (Ellen)
Fala representativa (FR⁺): Olha, por mais que ela ainda esteja ali engatinhando na supervisão , ela já é sua supervisora, então eu recomendo que você converse com ela (Ana)		
Fala representativa (FR⁻): Passei a virar refém da empresa , é, eu fui tratada de uma forma um pouco pior, sabe? (Laura)		

Fonte: dados da pesquisa (2022)

O discurso metafórico das entrevistadas sobre o mundo do trabalho contemporâneo, quando evocam a “antropologia” como domínio-fonte, envolve noções próprias ao ser humano, seu desenvolvimento, relações, aspectos morais, crenças religiosas, dentre outras.

Ana, por exemplo, recorre numa espécie de antropomorfização do local de trabalho, da empresa, ao atribuir-lhe a possibilidade de falar (A1), de pensar, e até mesmo de fazer julgamento moral (A2) sobre circunstâncias pessoais como a dela, que se sentiu insegura quando teve que informar sobre sua gravidez. Luzia, por sua vez, atribui à organização, um ente abstrato, a possibilidade de realização de algo próprio ao ser humano, o sonho (A3), enquanto “desejo vivo, intenso, veemente e constante; aspiração, anseio” (Houaiss, 2001). Às organizações também são atribuídas

características humanas, como a amizade e a tranquilidade, quando falam do ambiente de trabalho e da comunicação organizacional (A4, A5), bem como especificidades próprias ao ser humano, como engatinhar, para falar do desempenho da chefia em seu cargo (FR⁺).

É também sob a lógica de atribuir às organizações características e ações próprias aos seres humanos que Laura exemplifica a fala representativa negativa sobre o mundo do trabalho (FR⁻) no domínio-fonte antropologia. A entrevistada relata situações de assédio e expressa seu mal-estar laboral metaforizando uma espécie de ação criminal da empresa que a teria tornado refém da mesma.

Além das expressões metafóricas antropomórficas para se referirem às organizações, as entrevistadas também acionam discursivamente o domínio-fonte antropologia para falar de suas relações com os pares, chefias, clientela e fornecedores. Este foi o caso de Maria que atribui metaforicamente as expressões “louco” e “sem coração” a um fornecedor que não compreendeu sua circunstância atípica, quando de uma internação hospitalar (A6, A7). Assim, é como se a entrevistada precisasse recorrer metaforicamente a dimensões antropológicas extremas, como a loucura e a falta de afeto, para elaborar seu mal-estar laboral frente a relações contraditoriamente desumanizadas.

Os conteúdos ligados à saúde mental também emergiram nas falas de Julia (A8), acompanhados de expressões metafóricas religiosas (A9). Nesse sentido, seus companheiros de trabalho metaforizam sua gravidez como loucura e a pressionam para retorno ao trabalho com falas de orações ininterruptas. Ellen, por sua vez, também envolvida na necessidade de um tempo de afastamento do trabalho, diz esperar compreensão dos seus clientes atribuindo a sua relação com o tempo um aspecto de valor moral (A10).

4.2 Discussão da narrativa totalizante: identificando as metáforas conceptuais

Nesta seção, os resultados são discutidos a partir das três categorias teóricas do mundo do trabalho que emergiram de maneira mais consistente na narrativa totalizante, atravessando os três domínios-fonte (física, biologia, antropologia), a saber: i) organizações; ii) relações; e iii) trabalho, na busca de compreender quais são as principais metáforas conceptuais presentes. Alguns excertos de falas são novamente expostos a título de exemplificação.

A figura 3 expõe trechos ilustrativos da categoria organizações. Esta categoria abrange falas dos três domínios-fonte (física, biologia, antropologia) evidenciando como é multifacetada a inter-relação das vivências dessas mulheres com as organizações em que trabalham. As principais metáforas conceptuais identificadas nesta categoria foram dos tipos estrutural e ontológica: i) organizações são continentes e/ou recipientes (F1, F4); ii) organizações são organismos (B1, B2); iii) organizações são seres humanos (A2, A3).

A emergência da metáfora organizações são organismos, no discurso das entrevistadas, evidencia como o paradigma sistêmico orgânico ainda é bastante recorrente no ideário do mundo do trabalho (Morgan, 2006, Batista-dos-Santos, 2013), a partir do qual se infere que os trabalhadores que compõem a empresa-organismo tendem a se perceber como elementos sistêmicos que devem garantir a funcionalidade desse corpo, do qual se espera permanente crescimento, para que se mantenha vivo. A escuta atenta a essas trabalhadoras pôde confirmar que é assim que elas se percebem, imputando à empresa-organismo a garantia de sua sobrevivência, pelas vias do emprego, enquanto se mantiverem trabalhadoras funcionais. Destaca-se, negativamente, em algumas das narrativas, a percepção de disfuncionalidade quando anunciam uma

gravidez. Já com a metáfora ontológica organizações são seres humanos, as entrevistadas incorrem numa personificação da instituição de trabalho, por vezes lhe atribuindo o caráter de sujeito moral, transferindo assim discursivamente as relações propriamente entre humanos para uma relação impessoal e abstrata com o ente organização.

Figura 3 – Categoria Organizações

- F1. Entrar na empresa (Ana)
- F4. Deixar tudo lá (Júlia)
- B1. Corpo de colaboradores (Ana)
- B2. A gente (a empresa/a equipe) foi crescendo (Ana)
- A2 O que a empresa vai pensar (Ana)
- A3 Ambiente amigável (Ana)

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Contudo, as relações propriamente humanas também são evocadas no discurso. A figura 4 representa a categoria relações, na qual os três domínios-fonte também estão representados. Nesta categoria, foram agrupadas as falas relacionadas aos mais diversos tipos de relações profissionais das entrevistadas. Nas relações de liderança e com os pares, algumas metáforas conceituais foram identificadas, tanto do tipo estrutural quanto orientacional.

No tocante às relações de liderança, percebe-se a emergência de três metáforas conceituais diferentes: i) liderança é posição ou posicionamento, destacando-se as lógicas orientacionais para frente e para cima como sendo as do líder (F2); ii) liderança é entonação, pela qual liderados deveriam naturalmente reconhecer a voz daquele que comanda (B6); iii) liderança é força, por vezes manifesta no poder formal de segurar um funcionário no posto de trabalho (F12), bem como na força da violência verbal, desvelando-se como relação de abuso moral (B16) (Ribeiro, Santos, & Dutra, 2021). No contexto da relação com pares, a metáfora conceptual emergente foi no tocante à gravidez dessas mulheres, que, na visão delas, alguns colegas elaboraram como: gravidez da mulher-trabalhadora é loucura (A7).

Figura 4 – Categoria Relações

5.1 Relações de liderança

- F2. Estar à frente da equipe; gestores que estão acima (Lea)
- B6. Ele tinha que reconhecer a minha voz como voz de comando (Jade)
- F12. Pedi pra sair. O chefe não deixava sair, me segurando (Lídia)
- B16. Ele dava sua patada. [...] Com mulher ele humilhava mesmo (Laura)

5.2 Relações com pares

- A7 Nesse período agora assim da segunda gestação as pessoas ficam: “que loucura meu Deus e agora como vai ser?” (Julia)

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Finalmente, a figura 5 apresenta os trechos cuja principal referência é à categoria trabalho. Esta é a categoria em que todas as falas são do domínio fonte “física”, evidenciando que a experiência corporal vivida pelas mulheres entrevistadas foi a origem de todas as comparações utilizadas para falar de trabalho e de si mesmas enquanto trabalhadoras. Sendo assim, elas preferencialmente partem de um domínio

conceptual concreto para explicar o trabalho enquanto domínio conceptual abstrato (Lima, 2003; Silva, 2012). As principais metáforas conceptuais identificadas nesta categoria foram do tipo estrutural (Lakoff & Johnson, 2003), em que: i) trabalho é uma corrida (F8); ii) trabalho é movimento (F9, F10, F15, F18); iii) trabalho é peso (F11, F16).

Tal constatação causa certa surpresa por serem trabalhadoras contemporâneas, imersas no século XXI, época de enaltecimento do conhecimento, da virtualidade, da inteligência artificial. Diferentemente, essas mulheres trabalhadoras conceptualizam metaforicamente o trabalho de maneira mais próxima, diria Arendt (2007), do sentido de labor, associado ao corpo que cansa e padece, do que ao sentido de trabalho que envolve pensamento e criação.

Para se manterem em trabalhos que condicionam reconhecimento ao desempenho, as trabalhadoras são constantemente pressionadas a atingir metas sempre atualizáveis e resultados progressivamente crescentes. Nesse cenário, elas tendem a assumir jornadas exaustivas que, associadas aos papéis que também lhe são demandados na dinâmica da vida familiar, as deixam exauridas e suscetíveis a sofrimento patogênico, sob o domínio da sociedade do desempenho, cujo corolário, como afirma Han (2015), é a sociedade do cansaço.

Figura 5 – Categoria Trabalho

- F8. Ficar correndo atrás de metas (Luzia)
- F9. Uma rotina assim, bem agitada (Kelly)
- F10. Trabalho puxado (Lea)
- F11. Sobrecarregar um pouco (Ellen)
- F13. Tomar posse. Estabilidade financeira, emocional (Jade)
- F15. Com a gravidez né, por conta que eu tive que desacelerar (Arlete).
- F16. Querendo ou não, quando a gente, com gestão de pessoas, a gente acaba tendo cargas de estresses, de dissabores (Arlete)
- F18. A gente tem que pesar! Se você equilibrar dá certo! É puxado, mas dá certo! (Clara)

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Considerações finais

Orientada pelo objetivo de compreender as representações sobre o mundo do trabalho contemporâneo, presentes nas metáforas utilizadas no discurso de mulheres trabalhadoras, esta pesquisa analisou e discutiu narrativas emergentes do mundo vivido de 12 trabalhadoras, de diversas idades, estado civil, formação e tipo de vínculo laboral.

Partindo dos pressupostos da linguística cognitiva, e tendo como referência teórica e analítica a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2003), o estudo de campo trouxe como principais resultados dez metáforas conceptuais sobre o mundo do trabalho, presentes no discurso feminino: a) organizações são continentes e/ou recipientes; b) organizações são organismos; c) organizações são seres humanos; d) liderança é posição (para frente e para cima); e) liderança é entonação; f) liderança é força; g) gravidez da trabalhadora é loucura; h) trabalho é corrida; i) trabalho é movimento; j) trabalho é peso.

De maneira geral, percebeu-se que o conjunto das falas apontam para o risco potencial de precarização do trabalho feminino, em face da intensificação de trabalhos estressantes, nos quais essas mulheres se veem confinadas como elementos sistêmicos, por vezes expostas a situações de assédio por parte de suas lideranças e também de seus colegas, que tendem a agir preconceituosamente quando relatam gravidez, por exemplo.

As falas dessas mulheres denunciam a necessidade de maior equidade no trabalho contemporâneo, para que se construam ambientes organizacionais mais democráticos, diminuindo a exaustão física e também os danos emocionais dessas trabalhadoras. Para estudos futuros, sugere-se investigar em profundidade as representações femininas que associam trabalho e maternidade, para que as mulheres trabalhadoras sejam escutadas e consideradas de maneira holística, na integralidade de suas vidas.

Metodologicamente, espera-se que o estudo tenha contribuído para o avanço das pesquisas qualitativas no campo dos estudos organizacionais, na medida em que utilizou e demonstrou um caminho analítico do discurso, numa perspectiva interdisciplinar ainda pouco utilizada de maneira explícita nas ciências sociais aplicadas.

Finalmente, o texto é socializado na perspectiva de síntese provisória sobre o tema, no ensejo de despertar em seus leitores o desejo de uma interlocução frutífera para avanço do conhecimento teórico sobre o tema, ao mesmo tempo em que fomenta mudanças efetivas nos contextos laborais.

Referências

Albantes-Moreira, L. A. (1993). *Docta Ignorantia: sobre o que e como teoriza a teoria organizacional e administrativa prevalente*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Albantes-Moreira, L. A. (2002). *An exploratory study on the nature of the representations of organization: manager and management within a group of teachers of a business school*. Tese (Doutorado em Administração) – École des Hautes Études Commerciales, Montreal, Quebec.

Arendt, H. (2007). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Batista-dos-Santos, A. C. (2013) *Concepções de administração e administrador em tempos de capitalismo flexível: uma abordagem crítica*. Tese (Doutorado em Políticas e Gestão Públicas; Gestão Organizacional) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Bourdieu, P. (2007). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis/RJ: Vozes.

Cavedon, N. R. (2012). Imagético e história: o visível e o invisível no cotidiano laboral da perícia criminal. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 13(103), 04-31.

Carli, L. L., & Eagly, A. H. (2016). Women face a labyrinth: An examination of metaphors for women leaders. *Gender in Management*, 31(8), 514-527.

Dejours, C.; Deranty, J-P.; Renault, E.; Smith, N. H. (2018). *The return of work in critical theory: self, society, politics*. New York: Columbia University Press.

Deslauriers, J. P., & Kérisit, M. (2008). O delineamento da pesquisa qualitativa. In: Poupard et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Rio de Janeiro: Vozes.

Ferrão, M. C. T. (2008). *Teoria da Metáfora Conceptual: uma breve introdução*. Algarve: Universidade do Algarve.

Figueiredo, M. D., & Marquesan, F. F. S. (2012). Artesanato: metáfora para os Estudos Organizacionais? In: *Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, EnEO 2012, Curitiba/PR. Anais do VII EnEO ANPAD*.

- Fontanella, B. J. B., Ricas, M. G. B., & Turato, J. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno de Saúde Pública*, (24)1, 17-27.
- Guerreiro-Ramos, A. (1981). *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Habermas, J. (1968). *Técnica e ciência como "ideologia"*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70.
- Han, Byung-Chul. (2015). *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Japiassu, H., & Marcondes, D. (2008). *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Koch, I. V. (2004). *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (2003). *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press. (Original Work Published 1980)
- Lima, P. L. C. (2003). Metáfora e Linguagem. In: Feltes H. P. M. (org.) *Produção de sentidos: estudos interdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs.
- Lima, P. L. C., Gibbs Jr., R., & Françoze, E. (2001). Emergência e natureza da metáfora primária. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 40, 107-140.
- Miranda, N. S. (2001). O caráter partilhado da construção da significação. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, (5)1, 57-81.
- Morgan, G. (2006). *Images of organization*. London: Sage Publications, Inc; Updated edition.
- Naderifar, M., Goli, H., & Ghaljaie, F. (2017). Snowball sampling: A purposeful method of sampling in qualitative research. *Strides in Development of Medical Education*, (14)3.
- Pires, Á P. (2008). Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: Poupart et al. (org.) *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Ribeiro, G. A., Santos, J. L. dos., & Dutra, J. A. A. (2021). Uma análise teórica sobre assédio moral e abuso de poder nas relações de trabalho. *Brazilian Journal of Development*, 7(1), 11372-11390.
- Silva, L. A. da. (2012). *As bases corporais da gramática: um estudo sobre a conceptualização e metaforização no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiás.
- Smircich, L. (1983) Concepts of culture and organizational analysis. *Administrative Science Quarterly*, 28(3), 339-358.

Sousa, C. K. S. de, & Saraiva, V. M. L. L. (2022). Etnografia em campos de análises imagéticas: a corporalidade e brasilidade em uma campanha eleitoral nacional. In: *Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – EnEO 2022*, (On-line). Anais do XI EnEO ANPAD.

Souza, L. C. A. de., Porto, R. M., & Silva, M. T. A da. (2023). Muro de Concreto, Teto de Vidro e Labirinto: Metáforas que Revelam a Trajetória de Executivas Brasileiras em Cargos de Liderança. *Revista de Administração Faces Journal*, 21(1), 10-28.

Vargas, D. da S. (2020). A inserção dos estudos em cognição na Linguística Aplicada de hoje: questões para uma educação linguística brasileira do/no século XXI. *Raído - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UFGD*, 14(36), 190-215.